COLUNA DO BROADCAST: AMEC TRAZ ALIANSCE SONAE PARA O DIVÃ, MAS BRMALLS RESVALA

Por Cynthia Decloedt, Circe Bonatelli, Altamiro Silva Junior e Alda do Amaral Rocha / Cristiane Barbieri (edição) São Paulo, 12/04/2022 - A Associação de Investidores no Mercado de Capitais (A**mec)** convidou a Aliansce Sonae e a BRMalls para exporem aos acionistas suas versões do entrevero que já dura meses, em torno de uma proposta de combinação dos negócios. Os encontros devem acontecer separadamente. Por enquanto, somente a Aliansce Sonae, que tem ativamente tentado fechar o negócio, confirmou presença na reunião, prevista para amanhã. A BrMalls, por sua vez, havia sinalizado a possibilidade de participar em outro dia desta semana, mas não confirmou. Exclusivos a associados da Amec - e entre os quais estão alguns dos principais investidores de ambas as empresas -, os encontros pretendem contribuir para um melhor entendimento do caso, que ganhou os holofotes do mercado. Villa-Lobos, em São Paulo, é um dos shoppings da BRMalls.

Foto: JB Neto/Estadão 19/04/2022 11:30 XP - Broadcast- Abril file:///C:/Users/AGENCIA FR/Downloads/Broadcast - Primeira e segunda semana se março/XP - Broadcast- Abril.html 70/97 A+ APRÊMIO A BRMALLS AINDA É DIFICULDADE Ambas concordam que a fusão é uma excelente estratégia para ganho de escala e aumento da rentabilidade no setor de shoppings. Mas não chegaram a um acordo sobre o prêmio a ser pago aos acionistas da BrMalls. O clima entre as duas empresas azedou de vez depois que a Aliansce teve negativas a duas propostas e passou a comprar ações da BrMalls na bolsa, a fim de eleger um novo conselho por lá. COM NEGÓCIO, ATMOS E VELT PERDERIAM PODER Se a fusão se concretizasse, os principais acionistas da Aliansce (Renato Rique, CPPIB, Alexander Otto Group e Sonae Sierra) teriam uma posição dominante na nova empresa (24%). Por isso, a BrMalls tem pedido um prêmio gordo para dar andamento às negociações.

A BrMalls tem capital pulverizado, sem um acionista com o papel de dono. Mas nos bastidores, esse poder é exercido principalmente pelas gestoras Atmos e Velt, cada uma com cerca de 5% de participação. PALAVRA. Procurada, a Aliansce confirmou que participará do encontro. A BrMalls não respondeu até a publicação desta nota. TOCHA. A oferta de Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI) da Havan foi tão bem sucedida que teve o custo da operação reduzido. A demanda pelos CRIs da rede varejista de Luciano Hang superou os R$ 800 milhões e a Havan captou R$ 500 milhões pagando como remuneração um prêmio de 1,50% sobre o CDI. A oferta foi lançada com taxa de até 1,70%. Os papéis, que têm isenção de Imposto de Renda, foram adquiridos majoritariamente por pessoas físicas de alta renda, mas alocações foram feitas também em tesourarias de bancos e entre gestoras. À ESPERA DO **IPO.** A oferta foi coordenada pelo BTG Pactual e teve a participação dos bancos Itaú BBA, Safra e XP Investimentos.

Antes do CRI, a Havan tentou duas vezes abrir capital, sem sucesso. A primeira foi em meados de 2020 e a segunda em março de 2021. OLHO DO DONO. Fundador da rede e presidente do conselho, Hang participou pessoalmente das apresentações para investidores. Ele e o presidenteexecutivo, Edson Diegoli, estiveram com agentes autônomos na sede do BTG, em São Paulo - vestidos de verde e amarelo - e falaram para um auditório cheio. O público-alvo da oferta foi o investidor qualificado, com patrimônio investido acima de R$ 1 milhão. NO JOGO. Três meses após desistir de uma oferta inicial na bolsa **(IPO,** na sigla em inglês), a Dori Alimentos, fabricante de doces, balas e snacks, emplacou sua primeira oferta pública de Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRA) com viés sustentável. Foram R$ 200 milhões desses títulos com vencimento em cinco

anos e compromissos relacionados a metas sustentáveis para serem cumpridas até 2026.

Caso contrário, o juro pago pela empresa aos investidores aumenta até 0,15% em 2023 e mais 0,10% em 2025. Os CRAs foram vendidos com remuneração de IPCA mais prêmio de 6,20%. PROPÓSITO. Além de serem isentos de imposto de renda, os CRAs sustentáveis agradam investidores que têm preferido colocar em suas carteiras títulos de empresas com propósitos ambientais, sociais e de governança **(ESG).** No caso específico desses CRAs, a Dori prometeu reduzir os resíduos destinados para aterro sanitário em 54% e o consumo de água por tonelada de produtos fabricados em 9%. A transação teve como coordenadores o Safra (líder) e UBS-BB. A securitizadora é a Opea, ex-RB Capital. PRESENÇA. O IPO saiu de cena, mas não da mira. A companhia mantém o plano de acessar a bolsa, mas vai aguardar um melhor momento de mercado. Em janeiro, a Dori Alimentos desistiu pela segunda vez de levar sua oferta adiante, que inicialmente estava prevista para o fim de 2021. Na ocasião, as conversas eram de que sua oferta poderia movimentar R$ 1 bilhão. SOLIDARIEDADE. A crise humanitária causada pela invasão russa uniu empresas do setor calçadista brasileiro numa mobilização para ajudar os refugiados ucranianos. Até agora, as companhias já forneceram mais de 10 mil pares de calçados para doação, numa articulação entre a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) e a BBG Brazil, empresa que atua como agente de exportação. DESTINO. O presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, afirma que a meta é arrecadar um volume maior de produtos. As doações e parcerias para a logística estão sendo articuladas. Um carregamento de 1,4 mil calçados já foi enviado para doação. O embarque foi feito em meados de março e a carga chegou nesta terça-feira (12) ao destino, na fronteira entre a Polônia e a Ucrânia. Outro embarque, com 9 mil calçados, está previsto para 27 de abril.

Contato: colunabroadcast@estadao.com